

COMPORTAMENTO ANIMAL E HUMANO:  
REFLEXÕES CRÍTICAS E PROPOSTAS TEÓRICAS \*

ANIMAL AND HUMAN BEHAVIOR:  
CRITICAL REFLEXIONS AND THEORETICAL PROPOSALS \*

Luiz Fernando Rolim Bonin (1)

Uma das questões que têm sido mais produtivas em psicologia é o debate em torno do comportamento animal e humano. Uma vez que o comportamento animal é importante como ponto de referência para se pensar as diferenças e semelhanças em relação ao comportamento humano. Este debate polêmico e controvertido tem impulsionado o avanço do conhecimento científico. Neste sentido, muitas questões têm sido levantadas, tais como, o que é comunicação animal e humana? Os chimpanzés são capazes de produzir signos? O que é pré-programado no homem? Tais questões provocaram o re-exame de vários conceitos, como por exemplo: autoconsciência, repre-

---

(\*) Trabalho apresentado no III Encontro Paranaense de Psicologia, em 24 de agosto de 1989 e na Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, em 26 de outubro de 1989. (1) Professor Adjunto do Departamento de Psicologia (UFPR). Rua Alfredo Bufren, 140, 1º andar. 80.001 Curitiba, Paraná, Brasil.

sentação mental etc. A partir daí, propostas, hipóteses, teorias e pesquisas foram colocadas para a reflexão.

O fato da etologia e áreas afins terem contribuído imensamente para o entendimento da psicologia animal (e, em menor grau, da psicologia humana), não significa que a mesma não tenha suas limitações. É importante lembrar que a controvérsia entre K. Lorenz e a Escola de T. C. Schneirla, representada por D. S. LEHERMAN (1970), foi produtiva, pois as divergências levaram ao exame detalhado da ontogênese do comportamento, no que diz respeito ao papel da experiência no sentido lato do termo. A predisposição ou contradisposição para a aprendizagem, hoje, já é aceita pelos que estudam a análise experimental do comportamento. Na década de 60, o artigo de BRELAND (1961), intitulado "O mau comportamento dos organismos" foi assim, provocativo.

Quanto ao comportamento humano, a etologia tem trazido contribuições importantes, especialmente na área da comunicação não verbal e interação social (envolvendo companheiros, estranhos e mães). Os estudos sobre comportamentos de apego têm sido fundamentais, principalmente quando se trata de crianças que ainda não têm verbalização. Diferentes espécies animais têm sido observadas e ao se fazer uma comparação fica claro que o nosso comportamento se assemelha ao dos primatas, apesar das diferenças.

As dificuldades técnicas e metodológicas da etologia surgem quando se trata de estudar a atividade mediada pelo signo que, segundo VIGOTSKY (1984), produz uma diferença qualitativa na atividade. Os problemas da etologia também aparecem quando alguns estudiosos como K. Lorenz, D. Morris e outros tentam explicar o comportamento dos seres humanos baseados em comportamentos animais aparentemente semelhantes. Dentro disto, poderia se perguntar: existe uma arte feita por primatas não humanos? O que tem a ver a instituição da guerra moderna com a agressão? E afinal, qual é o papel das

ideologias e instituições humanas na sua atividade? É possível reduzi-las a uma atividade animal?

A comunicação humana se faz também através de gestos e posturas que se assemelham aos dos animais. Entretanto, deve-se considerar como aspecto importante, a transição do gesto não mediado para o gesto convencional e arbitrário. Um outro aspecto interessante do problema é a relação "icônica" do gesto com o objeto e com ações pré-programadas. Apesar da possível flexibilidade da relação gesto e significado, fica mais fácil lembrar e reproduzir uma relação ao menos icônica do que uma relação totalmente aleatória, isto sugere que a comunicação através de signos surge da comunicação não verbal. Provavelmente as convenções arbitrárias e "imediatas" estabelecidas na ontogênese tem seu fundamento na plasticidade do cérebro desenvolvida na filogênese.

Tendo em vista a crescente popularização da etologia, há a necessidade de esclarecer significados atribuídos a uma série de conceitos, como por exemplo, o significado do roubo por abelhas, da prostituição em macacos, da guerra entre macacos, da arte por chimpanzé etc. E, questões como, será que a auto-imagem do chimpanzé é a mesma auto-imagem de um pombo? É possível extrapolar explicações e conceitos de uma espécie a outra, sem levar em conta complexidades e especificidades? Se existem leis e processos gerais para a atividade dos seres vivos -- do homem à ameba --, não se pode deixar de levar em conta a especificidade de processos envolvidos na atividade concreta de cada espécie em seu ambiente. Se existem semelhanças, também existem diferenças qualitativas. Por exemplo, no homem temos que considerar o papel do signo na atividade e na organização social e seu processo histórico.

Alguns estudiosos poderiam argumentar que essas diferenças se reduzem a algo fundamental, já que as necessidades elementares, são iguais e impulsionam toda a vida animal. Será então a política uma mera questão da dominância animal e "im-

printig"? Qual o papel da ideologia e da manipulação das massas? Das instituições? Fica difícil reduzir tudo a um só nível. Se o reducionismo tem sido em determinadas ciências e em determinados momentos uma estratégia útil de investigação, não quer dizer que o seja para explicar as atividades animal e humana em sua complexidade. O problema do reducionismo está na explicação e práticas reducionistas. O trabalho de LEWONTIN, ROSE & KAMIN (1984) é elucidativo neste sentido.

Autores como RUBINSTEIN (1972), LEONTIEV (1978) e LURIA (1979), da escola de Vigotsky, fizeram considerações sobre o comportamento animal e humano como aspectos evolutivos de sua atividade.

Para debater algumas de suas idéias, foram elaboradas as propostas que seguem.

Primeira -- A produção científica humana reflete interesse, ideologias e posturas filosóficas, mesmo na descrição da realidade. Tanto a sociobiologia como o caso Lyzenko\* são importantes para se pensar como o processo se dá nas áreas das ciências biológicas. Através da prática do debate constante, perspectivas diferentes como as discutidas acima, podem ser reformuladas em direção a uma comprovação de novas hipóteses, na busca cons-

---

\* O caso Lyzenko foi diferente, pois o Estado Soviético Estalinista se envolveu como estrutura do poder não permitindo o debate. Lyzenko tinha uma biologia ambientalista e queria resolver os problemas da agricultura soviética, opondo-se aos geneticistas, com apoio do Estado. No caso da sociobiologia, ainda que "apoiada" pela nova direita, o mesmo não ocorreu, devido a oportunidade do debate de idéias divergentes. Talvez o mesmo que ocorreu na União Soviética pudesse ocorrer nos E.U.A. se houvesse clima atual para um Senador como McCarthy. Claude Fischler, entrevistando E.O. Wilson para o *Le Monde*, informa-o sobre o interesse da nova direita francesa pela sociobiologia (ver "*Le Individu*", Edition La Découvert e *Le Monde*, Paris).

tante de objetividade. A cultura contemporânea tem instituições que permitem e incentivam essa procura.

Segunda -- Uma proposta dialética para o estudo da atividade dos seres vivos, supõe uma "interação dialética" entre os organismos e o meio. O organismo afeta o meio e o meio afeta o organismo. Não são estruturas estanques que interagem. A tentativa de separar a contribuição do organismo e do meio em proporções matemáticas se torna impraticável, devido ao entrelaçamento contínuo entre aquele e o meio. A "interação dialética" não é linear e unidirecional.

Terceira -- A análise de um fenômeno pode ser realizada em diferentes níveis. Fica difícil não admitir que somos ao mesmo tempo seres físicos, biológicos e sociais. Por exemplo, LEONTIEV (1978) explica que o ouvido tonal humano é uma estrutura biosocial, pois é um sistema orgânico, moldado por uma determinada cultura que enfatiza a discriminação de certos sons. O fato de contrair pupilas à luz e ao interesse pelo objeto nos mostra que é um fenômeno físico-biológico que pode ser controlado por experiência social e histórica.

*Todos os fenômenos humanos são simultaneamente sociais e biológicos, tal como são simultaneamente químicos e físicos. Os relatos holísticos e reducionistas dos fenômenos não são "causas" desses fenômenos, mas meras "descrições" a determinados níveis em linguagens específicas. A linguagem a usar e cada caso depende do propósito da descrição; o fisiólogo dos músculos está interessado num aspecto da questão da contração do músculo da rã diferente do que interessa ao ecólogo, ao geólogo, ao evolucionista ou ao bioquímico; a diferença de propósito deverá definir a linguagem a ser usada na descrição ... As causas biológicas e as sociais não são separáveis, nem antitéticas, nem alternativas, mas sim complementares ... pois todas são passíveis de análise a muitos níveis (LEWONTIN, ROSE & KAMIN, 1984: 298).*

Quarta -- Ao estudar as semelhanças, também atentar para a especificidade e riqueza concreta dos fenômenos observando possíveis diferenças quantitativas. Isto não significa voltar a uma psicologia comparada animal em que animais de diferentes espécies eram submetidos aos mesmos procedimentos (em termos de estímulos, contingências e privações). Há a necessidade de se considerar a atividade de cada espécie no tipo de meio em que os animais têm vivido. Suas habilidades sensoriais etc., estão relacionadas com seu habitat.

Quinta -- Os conceitos de instinto (comportamento pré-programado), aprendizagem e intelecto, não podem ser consideradas estanques e impermeáveis. Segundo RUBINSTEIN (1972), "Encontramos o instinto e o habitat e o intelecto nos diferentes graus de desenvolvimento. Cada um destes tipos de comportamento não é idêntico em cada nível" (p.61).

Sexta -- Para os autores Luria, Leontiev, Rubinstein e Lewontin, a atividade animal tem que ser relacionada a uma estrutura orgânica. Cada atividade do organismo supõe um processo orgânico complexo e rico. LEWONTIN, ROSE & KAMIN (1984) dizem:

*A este argumento, responder que a propriedade de ser uma mente -- de mentalizar deve ser vista da atividade do cérebro como um todo, o produto da interação de todos os seus processos celulares com um mundo externo. Pensar de um modo diferente é análogo a cometer o erro de acreditar que podemos ver porque no córtice visual do nosso cérebro está localizada uma câmara que tira fotografias das imagens da retina, junto com um observador em miniatura que analise e interprete as fotografias. Pelo contrário, o total das atividades das células do sistema visual do cérebro é o ato de ver e interpretar o que vemos (p. 300).*

Acrescenta-se que o materialismo dialético concebe a atividade humana no processo histórico como se entrelaçando com os processos cerebrais. O cérebro poderia ser imaginado como um sub-sistema.

As modificações cerebrais podem ocorrer tanto em sua estrutura fina ou não, como em sua dinâmica. Isto significa que qualquer vivência emocional pode ser causada por uma modificação cerebral inicial ou não.

Sétima -- Repensar a contribuição de LEONTIEV (1978), em que o autor propõe etapas evolutivas do desenvolvimento do psiquismo animal e os critérios para as diferentes etapas (sensorial, perceptual e intelectual). É importante examinar os problemas do etapismo linear e o recapitulismo. RUBINSTEIN (1972) faz a seguinte observação em relação às habilidades do animal: "esta capacidade depende essencialmente das particularidades biológicas gerais do animal em questão e também de até que ponto a tarefa correspondente se revela apropriada" (p.61). O problema é difícil, pois a tendência de estudos evolutivos caírem num etapismo linear é grande. Animais considerados "mais simples" que outros podem resolver melhor um problema, pois este está ligado à adaptação deste em um ambiente. Um rato talvez seja mais habilidoso em um labirinto do que um macaco. Uma abelha é melhor que o homem ao comunicar a localização espacial da flor. Outra questão que se coloca: o que é uma atividade intelectual ou o que é uma atividade cognitiva?

Oitava -- RUBINSTEIN (1972) coloca que uma teoria dialética deveria estudar a transição de uma forma de comportamento a outra: "outra tarefa de investigação posterior consiste em descobrir as leis gerais e os processos dialéticos concretos em cujo desenvolvimento uma forma reflexa ou cognitiva passa a outra" (p.71). Acrescentando-se às questões teóricas acima, é necessário repensar o problema analisando a atividade concreta dos organismos de espécies diferentes. A questão também envolve controvérsias semânticas. Por exemplo, será que o critério para atividade intelectual seria o de flexibilidade? ou de variabilidade de soluções? "... para isto é importante partir das formas de existência, das biológicas, das históricas e de uma progressiva diferenciação que no processo

evolutivo alteram o modo de vida" (p.71).

Nona -- Um aspecto importante a ser abordado é que não se obtém um resultado plausível quando se tenta explicar as organizações sociais como se fossem derivadas da somatória das atividades dos indivíduos em determinado meio. No caso humano a situação se complica quando na abordagem das instituições, principalmente se estas não forem consideradas enquanto uma produção social na história. O homem, "zoon politicon"\*, é um animal político, isto pode significar que cria signos, regras e instituições durante sua ontogênese no processo histórico. O homem não deixa de pertencer à natureza, as habilidades humanas têm suas raízes no mundo dos primatas, mas a espécie humana em sua diversidade comportamental cria regras de convivência, transforma a natureza de forma criativa e muitas vezes de maneira planejada. A cultura também é produto e transformação dessa natureza pelo próprio animal político. A "engenharia" de um castor, a "técnica" de um joão-de-barro, o protoinstrumento de uma ave e a "organização social" de um chimpanzé são basicamente as mesmas através da história, segundo cada espécie, e apesar de diferirem qualitativamente das atividades e organizações humanas\*\*, também são suas fontes.

O debate sobre as propostas acima é necessário para dar continuidade a uma teoria dialética em construção, para explicar o comportamento humano e o animal.

---

(\*) O termo "zoon politicon" foi criado por Aristóteles e está na sua obra Política I e II, mas a interpretação do termo é do autor do presente artigo.

(\*\*) É necessário diferenciar níveis de organização social e níveis de habilidades. Grupos humanos diferentes podem ter basicamente as mesmas habilidades, mas construir organizações sociais e modos de produção qualitativamente diversos.

RESUMO

São analisadas as contribuições e os problemas da etologia e disciplinas afins, para explicar a atividade dos animais, humanos e não-humanos. São considerados o problema da ideologia relacionado com a objetividade em ciência e os aspectos conceituais envolvidos na descrição do comportamento. São abordados também aspectos relativos à interação dialética do sujeito com o meio; diferentes níveis de análise; diferenças quantitativas; formas de transição e plasticidade do sistema nervoso; ligadas a atos dos seres vivos. O animal humano é considerado em sua especificidade como criador de signos, regras e instrumentos no processo histórico, em que a própria produção humana afeta os seus processos psicológicos.

PALAVRAS CHAVES: comportamento-humano, comportamento-animal, etologia.

SUMMARY

The contributions and limitations of ethology and other akin sciences, in which the object of study is practically the same, with the objective of explaining activity of human and non human animals. Problems of ideology are considered together with objectivity in science of conceptual issues involved in the description of behaviors. Dialectic interaction between organism and environment, different levels of analysis, qualitative analysis, transitions forms and plasticity of the nervous system related to the action of living beings are considered. The human animal is conceived in his specificity, as creator of signs, rules and institutions in the historical process, in which the same human production affects its own psychological activities.

KEY WORDS: human-behavior, animal-behavior, ethology.

## RÉSUMÉ

Cet article analyse les apports et les problèmes de l'éthologie et des disciplines en rapport avec elle dans le but d'expliquer l'activité des êtres, humains et non-humains. D'abord, le problème de l'idéologie a été considéré, d'une part, en son rapport avec l'objectivité de la science et, d'autre part, avec les aspects conceptuels en présence lors de la description du comportement. Ensuite, les aspects relatifs à l'interaction dialectique du sujet avec le milieu ont été abordés en observant en particulier les différents niveaux d'analyse, les différences quantitatives, les formes de transition et plasticité du système nerveux liés aux actes des êtres vivants. L'animal humain est considéré dans sa spécificité comme étant créateur de signes, de règles et d'institutions dans les processus historique, ou la production humaine en tant que telle affecte à son tour ses processus psychologiques.

MOTS CLÉS: comportement-humain, comportement-animal, éthologie.

## BIBLIOGRAFIA

- BRELAND, K. & M. BRELAND. 1961. The misbehavior of organisms. *Amer. Psychologist* 16: 681-684.
- LEHRMAN, D.S. 1984. **Semantic and conceptual issues in the nature. Nurture problem in development and evolution of behavior.** W. H. Freeman and Company. S.Francisco.
- LEONTIEV, A. 1978. **O desenvolvimento psiquismo.** Livros Horizonte. Lisboa.
- LEVI-STRAUSS. 1973. **Antropologia estrutural.** Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro.

LEWONTIN, R.C.; S.ROSE & L.I. KAMIN. 1984. **Genética e política**. Publicações Europa América. Portugal.

LURIA, A.R. 1979. **Curso geral de psicologia**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.

RUBINSTEIN, S.L. 1972. **Princípios de psicologia geral**. Vol.II. Estampa. Lisboa.

VIGOTSKY, C.S. 1984. **A formação social da mente**. Martins Fontes Ltda. São Paulo.

---

RECEBIDO EM 20.X.1989.